

Rita Figueira

Universidade de Lisboa

Klaus JUNKER, *Interpreting the Images of Greek Myths: An Introduction* (trad. Annemarie Künzl-Snodgrass and Anthony Snodgrass), Cambridge, University Press, 2012. 295 pp. ISBN: 978-0-521-72007-6

Interpreting the Images of Greek Myths surge como uma obra inovadora, concentrando-se no significado das imagens. Após um prefácio em que o autor lembra estudos anteriores aos seus e sintetiza a sua tese, seguem-se seis capítulos onde se apresentam diversas obras, num período que decorre entre a transição do século IX para o século VIII a. C. e a época Helenística. Neste compasso, o leitor vai sendo familiarizado com os principais artistas, com o quadro teórico que sustenta a investigação, os seus marcos históricos e principais autoridades, ao mesmo tempo que os instrumentos de trabalho, a gíria, a metodologia e a terminologia científica são transmitidos de forma gradual. Destaca-se o facto de o autor incluir, a par do seu, outros pontos de vista.

Klaus Junker estabelece uma separação entre a imagem simbólica, que aproxima dos símiles homéricos, e a imagem mitológica propriamente dita, que implica uma perspectiva hermenêutica do discurso imagético, em que a imagem é interpretada como um tecido em que os fios do universo cultural do observador se entrecem com a informação contida na própria imagem, sendo que a leitura desta depende essencialmente da forma como aquele compreende o que vê. Consequentemente, a abordagem da imagem grega faz-se partindo da determinação do conteúdo desta em constante interação com diversos elementos à sua volta, *scilicet*, o contexto histórico, as experiências visuais, os mitologemas, a história dos temas e o ponto de vista comunicativo. Salienta, ainda, o autor que na Antiguidade ninguém olhava para uma imagem de forma isolada, nem a arte era entendida como no presente, *i.e.*, como propaganda ou simples fruição.

Assim, deve o investigador ter presente o conceito husserliano de «*lebenswelt*», ou seja, todo o escopo do mundo enquanto experiência sensorial. A interpretação da imagem mitológica depende, pois, da fusão entre mito e vida real, sendo o observador elevado ao estatuto de palavra-chave na investigação contemporânea, onde a imagem deve ser lida como um texto, tal como a Iconologia a estuda, no seguimento do estruturalismo francês.

Partindo desta consciência, Klaus Junker demonstra como a imagem mitológica se ergue como meio de comunicação autónomo, escrevendo o mito pela escolha do tema e pela disposição dos elementos pictóricos, de forma a veicular mensagens políticas e a servir de modelo educacional. Adverte, no entanto, que qualquer teoria interpretativa depende essencialmente da experiência e horizonte cultural de quem a formula, assim como da análise de fontes escritas, pontos estes tornados muito transparentes com a análise do grupo Atena-Mársias, que ainda permite demonstrar a necessidade de ler a imagem como uma sucessão de momentos.

Dedica ainda o autor um espaço aos sarcófagos romanos, não constituindo esta incursão um desequilíbrio neste estudo maioritariamente concentrado no mundo grego, mas antes um complemento para a compreensão deste e uma explicação para a aparente estranheza da presença de certos mitos em monumentos fúnebres, como é o caso do mito de Medeia.

Destacam-se dois estudos, *Aquiles e Pátroclo na Guerra de Tróia*, representativo do mundo Grego, e o *Fauno de Barberini* em Roma. O primeiro introduz a obra e confronta, *ab initio*, o leitor com casos concretos, estimulando-o a dirigir criticamente o olhar para cada pormenor, onde tudo é mensagem a duas linhas, desde a postura ao olhar, passando por um ângulo mais ou menos acentuado, pela roupa, pelos adereços, pelas inscrições, pelas próprias personagens escolhidas e acções retratadas. Assim, a tessitura destas imagens, que contam episódios da Guerra de Tróia por estes se encontrarem universalmente presentes devido às leituras públicas da *Iliada* e à situação histórica vivida, sobretudo no que diz respeito à transição do século sexto para o século quinto, palco de grandes revoluções políticas, é desfeita até todos os fios serem identificados como irradiações de uma complexa

Figueira: Klaus JUNKER, *Interpreting the Images of Greek Myths: An Introduction* (trad Annemarie Künzl-Snodgrass and Anthony Snodgrass), Cambridge, University Press, 2012. 295 pp.

teia constituída por símbolo, alegoria, mito e profecia. Neste período, a mensagem refere-se quase sempre a um convite à reflexão sobre a condição humana, à sua vulnerabilidade e finitude, à relação entre homens e deuses, ou à valorização da bela morte. Por esta razão, encontram-se inúmeras cenas de batalha, de ferimentos, de partidas para a guerra, de morte; e se os heróis são muitas vezes representados como anti-heróis, servem o propósito de espelhar o espectro das emoções humanas e de mostrar a finíssima fronteira entre o que é e o que poderia ter sido.

No que diz respeito ao segundo estudo, o *Fauno de Barberini*, trata-se de uma obra complexa, reconhecida ao longe dadas as proporções um pouco acima da escala humana. O abandono da postura aponta ao primeiro olhar para uma entrega à exaustão após banquete sensorial, mas Klaus Junker, por analogia com outras esculturas da época helenística e com pinturas em ânforas do período clássico, guia o leitor até à compreensão de uma mensagem profunda que só é decodificada ao envolver o observador como participante, numa irradiação de estratégias explícitas e implícitas.

Apesar do seu carácter introdutório, trata-se de um estudo dirigido a um público académico com algum conhecimento da cultura clássica, sem o qual não serão compreensíveis as relações estabelecidas com os trágicos, as epopeias homéricas, ou valores gregos como a *arete*, *kakia* ou, ainda, o significado de arte (*techne*), tão diferente do mundo contemporâneo. Também a compreensão de analogias com autores, v.g., Píndaro ou Evémero, resultaria algo incompleta sem se conhecer daquele, pelo menos, a *Primeira Ode Olímpica* e deste a *Pancaia*. No entanto, a estrutura dos capítulos, que possibilita uma leitura independente e em constante comunicação, flui clara com a envolvimento de quem há muito confabula com estas matérias, o que facilita a assimilação natural das sucessivas informações.

No fim da monografia, um guia de leitura – bibliografia temática e catálogos relativos a exposições sobre mitos individuais – vem confirmar não só o carácter introdutório da obra, mas também a sua utilidade e pertinência para quem já desenvolve investigação em qualquer área da cultura clássica. Finda a leitura, fica a certeza de que o gesto épico e a alma trágica do homem grego também se fazem por imagens.